

*Com o braço estraçalhado por um crocodilo,  
o guia ficou deitado no escuro, esperando os leões  
e hienas que acabariam com sua vida.  
Então algo inesperado ocorreu.*

# Estranho encontro na **selva africana**

*Por* JOHN DYSON

**C**OM UMA CESTA de pique-  
nique e varas de pescar,  
Alistair Gellatly, 39 anos,  
e quatro amigos subiam o  
Rio Zambeze para um tranqüilo dia  
de pescaria. Avançando contra a cor-  
rente do agitado rio africano, em  
abril de 1994, o barco passava por

crocodilos tomando sol, hipopótamos resfolegando e elefantes chafurdando nas águas rasas e enlameadas. Despreocupado, Alistair olhava os animais. Passara a maior parte da vida na selva, como guia de safáris.

**T**ROUXERA OS amigos para passar o feriado de Páscoa prolongado no pequeno acampamento para turistas que estava construindo em uma região remota do Zambeze. Com ele estavam o velho amigo Arthur Taylor, construtor, a mulher de Arthur, Fay, e os pais dela, Brenda e Clive Kelly, que acabavam de voltar da Inglaterra.

Aquele trecho do largo Zambeze, que marca a fronteira entre a Zâmbia e o Zimbábue, era um curso popular para barcos de turistas, mas naquele dia estava deserto. Alistair desligou o motor para deixar o barco deslizar na rápida correnteza. Eles pegaram as varas e começaram a pescar.

Logo Brenda gritava:

– Peguei um!

Orgulhosa, jogou o primeiro peixe do dia dentro do barco.

Naquele momento, porém, o barco saltou para o ar, jogando Clive e a filha, um de cada lado, para fora. O pequeno ex-professor de barba grisalha emergiu, enxugando a água dos olhos. Quando sua visão clareou, ele viu a enorme boca de um hipopótamo a poucos centímetros de distância, voltando a atacar.

Clive ouviu as presas amarelas arranhando a fibra de vidro, quando as mandíbulas do hipopótamo se fecharam na lateral do barco. Então, o animal de duas toneladas apoiou-se nas pernas traseiras e, com um simples meneio da cabeça, virou o barco. Sua missão de defender o território estava realizada, e o hipopótamo recuou, resfolegando.

Ainda embaixo do barco, Arthur agarrou Brenda e Fay. Com os braços unidos, o trio se deixou levar pela correnteza, sendo arrastado até conseguir apoiar os pés no chão, num banco de areia submerso no meio do rio.

Com o hipopótamo já longe, Alistair e Clive subiram no barco virado. A popa, mais pesada, afundara e estava atolada no fundo do rio. Alistair sentou-se na proa, que se elevava acima da água, para avaliar a situação. O barco estava encalhado a cerca de 100 metros da margem. A uns 50 metros dele, no meio do rio, Arthur

*Começando a gritar e agitar a água, Alistair avançou*

e as duas mulheres avançavam lentamente para um local onde podiam ficar com água à altura dos joelhos no banco de areia. *Estão todos seguros*, pensou o guia, com alívio.

ALISTAIR PREPAROU um plano. Sabia que havia um acampamento de pesca cinco quilômetros rio abaixo, na margem oposta; ele poderia nadar os 100 metros até a margem mais próxima, descer ao longo do rio e gritar por socorro para as pessoas do outro lado. Vira muitos crocodilos no rio naquela manhã. Mas nadar com eles não o preocupava muito. Ainda era meio-dia, e os crocodilos estavam tomando sol preguiçosamente nas margens do rio.

– Vou buscar ajuda – disse Alistair a Clive.

Tentando evitar movimentos bruscos, nadou em direção a uma enseada pantanosa. Contudo, quando já estava quase chegando, uma forma cinzenta deslizou na água à sua frente. Alistair imobilizou as pernas; o crocodilo parou e olhou para ele. Estava bloqueando o caminho para a margem.

Gritando e agitando a superfície da água, Alistair avançou em direção ao crocodilo, tentando assustá-lo. O crocodilo afundou.

Alistair mergulhou para ver o animal sob a água, mas foi cegado pela nuvem de lama que levantara. Em pânico, recuou para onde a água estava menos agitada e mergulhou

novamente. A criatura de dois metros e meio avançava contra ele como um torpedo.

Rapidamente, Alistair puxou as pernas para cima. Esbarrando em seus pés, o crocodilo desapareceu na lama. Mas fez a volta e atacou outra vez. Sua cauda atingiu as costas de Alistair, que, ofegante, emergiu para tomar ar. Em seguida, tornou a mergulhar, abriu os olhos e deu de frente com uma boca escancarada e duas fileiras de dentes amarelo-escuros e brilhantes.

Como uma enorme ratoeira, as mandíbulas do crocodilo se fecharam sobre os braços de Alistair. Apesar da dor excruciante, ele teve presença de espírito suficiente para tomar fôlego antes que o crocodilo o arrastasse para o fundo. Conseguiu livrar a mão esquerda, mas o réptil manteve seu antebraço direito preso com firmeza, enquanto nadava para trás, puxando-o para águas mais profundas.

O crocodilo girou o corpo e fez rodopiar o homem de 90 quilos e 1,82 metro na água como um pano sendo enxaguado. Alistair sentiu o antebraço direito estalar; o pulso e o ombro se deslocaram. O crocodilo fez uma pausa. Em seguida, Alistair percebeu que ele estava recomeçando.

A escamosa couraça do meio do corpo do crocodilo arranhou a parte interna das coxas musculosas do guia. Instintivamente, ele prendeu o crocodilo com as pernas e travou os calcanhares em suas costas. Quando

*em direção ao crocodilo gigante e tentou assustá-lo.*

o animal virava, Alistair o acompanhava. Presos num abraço fatal, homem e crocodilo afundaram.

OS FRENÉTICOS e poderosos socos de Alistair com o punho esquerdo simplesmente resvalavam pelo couro rígido. Perdendo o fôlego, ele agarrou uma das patas dianteiras do réptil e puxou-lhe as garras para trás com toda a força. Novamente, não teve sorte.

Lembrando-se de que os crocodilos ficam dóceis quando seus olhos estão cobertos ou cegados, Alistair enfiou o polegar nos olhos do crocodilo, mas o globo ocular apenas deslizou um pouco na órbita. O guia enfiou o indicador no outro olho, sem resultado. O tempo todo, o réptil continuava a sacudir-se e, a cada movimento, o sangue jorrava do braço de Alistair, tingindo as águas de vermelho.

Os pulmões do guia gritavam por ar. Desesperado, ele enfiou o braço livre na boca do réptil, na esperança de fazê-lo engasgar.

Sentiu dentes afiados cortarem sua carne, enquanto enfiava a mão cada vez mais fundo. Os dedos sentiram uma saliência com textura de borracha na garganta. *Agora!* Agarando a massa de carne macia com os dedos, torceu e puxou o mais forte que pôde.

Com um espasmo, o crocodilo tossiu. As mandíbulas se abriram involuntariamente, apenas o suficiente para que Alistair livrasse os braços.

Nadando o mais rápido possível com o braço bom, ele emergiu. Quando chegou à margem, ficou deitado, ofegante e exausto.

O antebraço direito estava completamente ensangüentado, com ferimentos profundos, articulações torcidas, o osso quebrado. Ciente de que precisava agir, Alistair atravessou a manga da camisa com um graveto e o torceu com força, a fim de reduzir o sangramento.

Atordoadado e fraco, depois se levantou e cambaleou mata adentro. Estava determinado a continuar com o plano de obter ajuda.

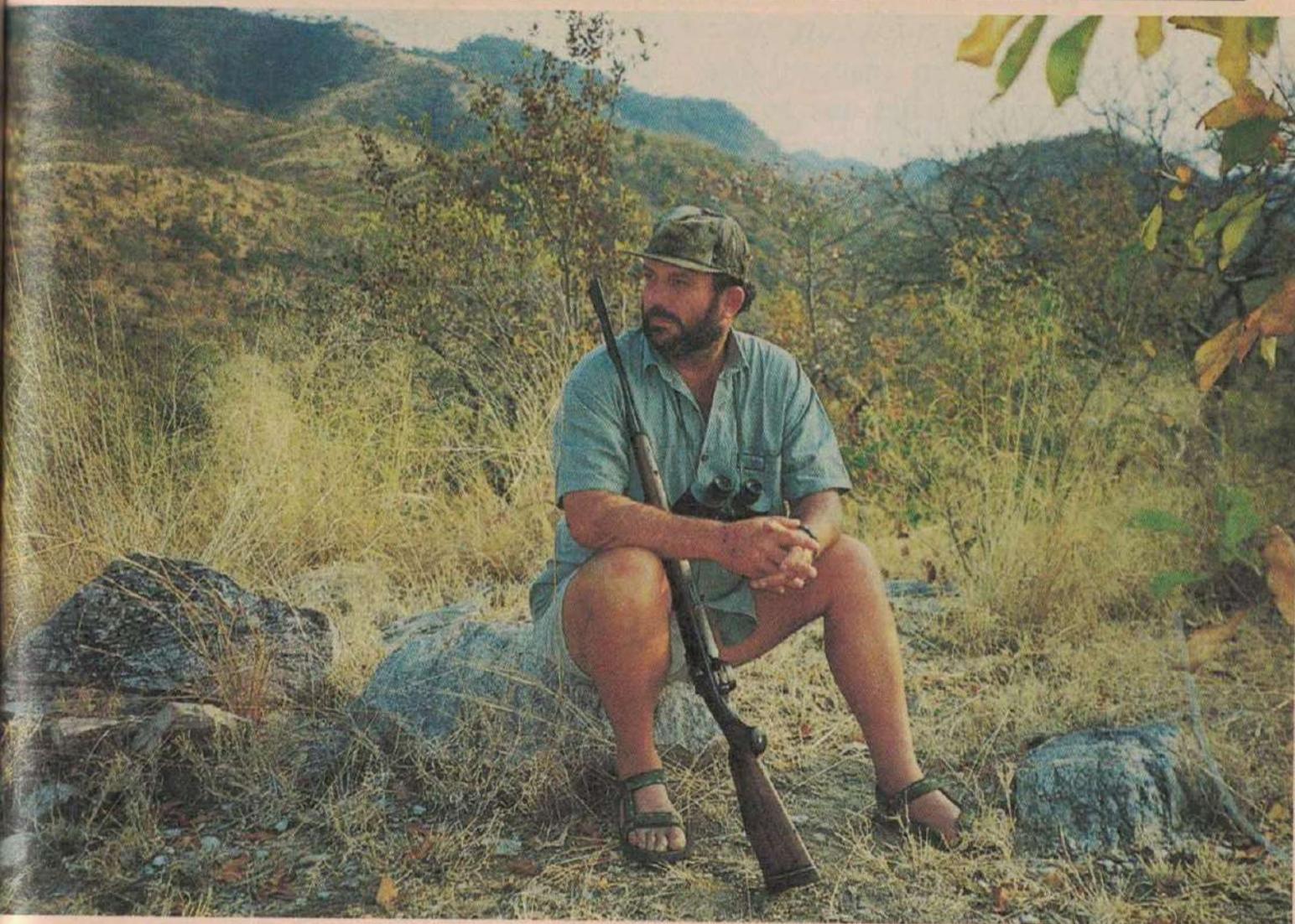
Alguns metros adiante, encontrou um barranco escarpado, coberto por arbustos. Sentindo muita dor, conseguiu subir o barranco e então desmaiou. Ao acordar, avançou penosamente por mais alguns metros, mas uma ravina bloqueava-lhe o caminho.

Deslizando novamente barranco abaixo, seguiu a margem do rio. Podia ver três pessoas com água pelos joelhos no banco de areia, e uma quarta no barco virado.

– Um crocodilo me pegou – gritou para Clive. – Estou bem, mas preciso descansar.

Em seguida, ajoelhou-se na margem do rio, lavou e cobriu o braço machucado com um curativo improvisado e se deitou à sombra. Sua única esperança era sobreviver até a manhã seguinte e depois tentar alcançar o acampamento.

**O guia apurou os ouvidos,** *atento. Ele sabia que*



**Vida selvagem**– Mesmo depois de se ver frente a frente com a morte, Alistair Gellatly tira forças da natureza africana.

ISOLADO NO BARCO virado, Clive ficou angustiado quando viu Alistair cambalear de volta ao rio sozinho. Significava que eles não seriam resgatados naquele dia. Embora apreensivo, decidiu arriscar-se a nadar para alcançar os outros no banco de areia. Agora, pelo menos estavam todos juntos.

Qualquer intenção de nadar até a margem foi esquecida ao pensarem na penosa experiência do amigo – e com a visão de um crocodilo de três

metros e meio deitado ao sol, na margem do rio. Suas esperanças ainda estavam com Alistair.

PERDENDO A CONSCIÊNCIA intermitentemente e atormentado pela dor, o guia viu a noite chegando – e com ela o momento em que os predadores começavam a rondar. *Pegue algo para se defender*, disse a si mesmo. E empilhou pedras ao lado da cama improvisada.

Rio abaixo, podia ouvir uma as-

*os animais grandes se aproximam de sua presa em silêncio.*

sustadora série de rugidos guturais e profundos, que eram respondidos por outros rugidos: leões que se comunicavam. Em seguida, ouviu uivos de hienas, necrófagos que podiam detectar o cheiro de animais feridos a quilômetros de distância.

Alistair já passara a noite sozinho na selva muitas vezes, mas nunca sem uma fogueira – e uma arma de fogo. Sabia que, para os predadores da noite, a trilha de sangue que deixara era uma estrada bem sinalizada levando à presa fácil.

Estava lutando contra o sono, quando um rugido alto o fez sobresaltar-se. Estava próximo. Pensou que era apenas uma questão de tempo antes que fosse atacado.

Subitamente, tudo ficou silencioso e a pele de Alistair se arrepiou. Ele sabia que os animais grandes se aproximam da presa em silêncio. Apurou os ouvidos, atento, até que suas pálpebras se cerraram.

UM ESTRANHO RUÍDO despertou Alistair por completo. Ele ouviu uma respiração pesada e passos arrastados, aproximando-se dele. Esticando o pescoço, viu chifres enormes e curvos, e o corpanzil do último animal que esperava ver – um búfalo africano! Um macho solitário dessa espécie é um dos animais mais temidos – e traiçoeiros – da África.

A cerca de 20 metros dele, numa clareira, o búfalo levantou o focinho, sentindo o cheiro de Alistair. Os chifres enormes mediam quase um metro. O guia sabia que um golpe da-

queles chifres poderia lançar um homem no ar. O mundo dos safáris estava cheio de histórias de caçadores chifrados ou pisoteados até a morte por aqueles animais gigantesco.

Incapaz de correr, sentou-se dolorosamente e atirou uma pedra, acertando o animal na testa. Mas o búfalo apenas sacudiu a cabeça, como se perturbado por um inseto, e chegou mais perto.

A uns dez metros de distância, o animal parou e olhou para Alistair. Então, dobrou as pernas da frente com cuidado e, com um grunhido, arriou o corpo imenso.

Perplexo, o guia observou enquanto o búfalo ruminava placidamente, com o olhar fixo na colina coberta por arbustos – a mesma direção que Alistair estivera vigiando. Depois de pensar no assunto durante algum tempo, concluiu o que para ele parecia ser a única explicação: *o búfalo está me protegendo!* Por fim, o homem ferido adormeceu.

HORAS DEPOIS, Alistair despertou de repente e sentiu um comichão no peito nu. Então, nas axilas, no rosto, nos ferimentos, sentiu centenas de picadas e ferroadas. *Formigas vermelhas!* Gritando de dor, ele deu um salto.

O búfalo resfolegou, alarmado, enquanto o homem tentava se livrar dos insetos. Alistair ficou imóvel até o búfalo voltar a ruminar.

Reanimado pelo sono, ele analisou a situação. Como guia profissional, já vira animais ajudando ou-

tros de espécie diferente sem que para isso houvesse explicação. Uma vez, num poço iluminado por holofotes, viu leões derrubarem uma zebra, e depois um hipopótamo tentando ajudar o animal moribundo a se levantar.

Pensou se estaria se beneficiando de outra dessas ocorrências extraordinárias, em que um animal arrisca a vida para ajudar outro. Qualquer que fosse o motivo, Alistair estava agradecido.

De repente, o búfalo ficou de pé e correu, pisando ruidosamente os arbustos. Alistair ficou alerta. Algo estaria se aproximando?

Encostado numa pedra, o guia relaxou quando percebeu o que estava chegando: era a aurora.

Estreitando os olhos à luz brilhante do rio, Alistair contou quatro figuras. *É um milagre, pensou, mas estamos todos vivos!*

*Alistair Gellatly partiu para o acampamento de pesca. O trajeto durou horas, mas por fim a ajuda chegou aos quatro naufragos. Quando se recuperou dos ferimentos, Alistair voltou a trabalhar como guia de safári, mas com um renovado senso de assombro diante da vida.*

*“Algo especial aconteceu naquela noite”, afirma. “Um hipopótamo tentou me afogar, um crocodilo quase me devorou e depois um búfalo me ajudou a sobreviver. Não creio que alguém consiga explicar aquele ato de misericórdia – mas eu nunca o esquecerei.”*

## SINAIS DO ALÉM



Na última temporada, Rex Hudler aposentou-se do beisebol profissional após 21 anos de carreira, jogando para o Triple A Buffalo Bisons. No momento em que ia rebater pela última vez, foi atingido no pescoço pela bola. “Depois que a bola bateu em mim”, contou Hudler, “ouvi Deus falar comigo: ‘Eu disse

para você se aposentar ontem à noite.”

—TOM FITZGERALD *no San Francisco Chronicle*

A delegacia do condado de Bernalillo, no Novo México, comunicou um acidente ocorrido com um único veículo, causado pelo próprio motorista, que tirou a chave da ignição enquanto dirigia. O veículo saiu da estrada e capotou, ficando de lado. O motorista tentava colocar um trevo de quatro folhas no chaveiro.

—*East Mountain Telegraph*

Tempestades de neve obrigaram escolas e lojas a fechar. Eu ouvia as notícias no rádio quando anunciaram: “Cancelada a reunião sobre o aquecimento global.”

—TOM HOWE, *EUA*